

A conexão entre enunciados no texto com base na semântica argumentativa

Telisa Furlanetto Graeff*

Resumo

Este trabalho propõe-se explicar dois modos de conexão entre enunciados de um texto, com base na semântica argumentativa desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot. Mostra que a conexão por similaridade aparenta enunciados pela sua argumentação interna (AI) e que a conexão por contiguidade estabelece relação entre a AI e a argumentação externa (AE) de entidades linguísticas. Verificou-se o funcionamento desses dois modos de conexão em texto, destacando-se o papel da nominalização na conexão por contiguidade e no desenvolvimento do tema.

Palavras-chave: Argumentação externa e interna. Conexão por contiguidade. Conexão por similaridade. Nominalização. Organização do texto.

Introdução

A preocupação em confrontar a descrição semântica das entidades da língua com textos, com o uso da língua, é cara à semântica argumentativa desde seu início, quando de sua proposição por Ducrot e Anscombre (1983). Já em sua Teoria da Argumentação na Língua, os referidos autores afirmavam que o sentido de uma entidade linguística era constituído por certos discursos que essa entidade linguística evoca. Discursos esses chamados de encadeamentos argumentativos. Essa decisão foi radicalizada pela Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Carel (1995), na medida em que entende por “argumentação” encadeamentos discursivos do tipo de *donc* (portanto) ou de *pourtant*

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Doutora em Linguística Aplicada pela PUCRS.

(mesmo assim), os quais constituem a significação das entidades da língua. Para descrever as palavras *prudente* e *imprudente*, por exemplo, podem-se tomar, respectivamente, os encadeamentos discursivos *Havia perigo na realização da atividade portanto João desistiu de realizá-la* e *Havia perigo na realização da atividade mesmo assim Pedro não desistiu de realizá-la*. Entende-se pelos enunciados que João foi *prudente* e que Pedro foi *imprudente*, significando, respectivamente, PERIGO DC PRECAUÇÃO e PERIGO PT neg PRECAUÇÃO. É ainda no uso da língua que se podem encontrar outros sentidos que constituem a significação da palavra *prudente* na língua. Nos discursos, *A estrada fica perigosa em dias chuvosos, portanto João toma precauções como acender os faróis, reduzir a velocidade* e *A estrada fica perigosa em dias chuvosos, mesmo assim Pedro não toma precauções como acender os faróis e reduzir a velocidade*, também se conclui que João é *prudente* e que Pedro é *imprudente*. A diferença é que nesses discursos o sentido de *prudente* e de *imprudente* é estabelecido pela interdependência semântica de *perigo* e *precaução*, num caso PERIGO DC PRECAUÇÃO e noutro PERIGO PT neg PRECAUÇÃO.

É assinada por Ducrot e Carel (2008, p. 18) a conclusão que segue:

A determinação das significações lingüísticas só é, portanto, possível pela consideração sistemática do discurso: é no discurso que estão situados os encadeamentos argumentativos que a língua reúne nas suas significações.

Desenvolvendo-se nessa direção, a Teoria dos Blocos Semânticos recentemente introduziu a noção de motivo argumentativo (CAREL, 2012), segundo a qual uma parte de texto constitui *um motivo argumentativo* se, ao mesmo tempo, ela exprime um aspecto argumentativo e evoca um encadeamento argumentativo, isto é, se ela comunica um julgamento argumentativo completo. Tome-se, para exemplificar, um trecho do início do livro *Claude Gueux*, de Victor Hugo, em que são narrados o roubo, feito num inverno por um operário que não conseguia trabalho, para suprir por três dias a família com comida e calor, e a punição que sofreu em decorrência desse ato.

Um inverno, o trabalho faltou. Nada de fogo nem de pão no sótão. O homem, a moça e a criança passaram frio e fome. O homem roubou. Eu não sei o que ele roubou, eu não sei onde ele roubou. O que eu sei, é que desse roubo resultaram três dias de pão e de fogo para a mulher e a criança, e cinco anos de prisão para o homem (tradução nossa).

(Un hiver, l'ouvrage manqua. Pas de feu ni de pain dans le galeas. L'homme, la fille et l'enfant eurent froid et faim. L'homme vola. Je ne sais ce qu'il vola, je ne sais où il vola. Ce que je sais, c'est que de ce vol il résulte trois jours de pain et de feu pour la femme et pour l'enfant, et cinq ans de prison pour l'homme.)

O principal encadeamento argumentativo que o trecho permite evocar é *roubou pequena quantidade mesmo assim sofreu grande punição*. A esse encadeamento se pode associar o aspecto argumentativo PEQUENO DELITO PT GRANDE PUNIÇÃO, que pode ser AI de

injustiça. Tem-se, assim, um julgamento argumentativo completo ou um motivo argumentativo.

Ao pensar sobre como os enunciados se organizam em motivos argumentativos, Carel (2012) afirma ser possível identificar dois casos: o caso que resulta num só julgamento argumentativo e o caso que resulta em dois julgamentos argumentativos, como se explicará a seguir, com base em Carel (2012).

CASO 1 = UM ÚNICO JULGAMENTO ARGUMENTATIVO

Ele tinha medo. Sentia seu sangue gelar.
(*Il avait peur. Il sentait son sang glacer*).

Nesse caso a argumentação interna (AI) de *medo*, isto é, o aspecto argumentativo que parafraseia *medo*, seria: PENSAMENTO DESAGRADÁVEL DC SENTIMENTO DESAGRADÁVEL. Não se pode utilizar a expressão *por exemplo*. Observe-se: *Ele tinha medo*. **Por exemplo, ele sentia seu sangue gelar* (Il avait peur. *Par exemple, il sentait son sang glacer).

CASO 2 = DOIS JULGAMENTOS ARGUMENTATIVOS

Ele tinha todo tempo medo. Uma vez que alguém gritasse, ele se sobressaltava.
(*Il avait tout le temps peur. Dès que quelqu'un criait, il sursautait*).

Nesse caso é possível o emprego de *por exemplo*, como se pode constatar no trecho *Ele tinha todo tempo medo*. *Por exemplo, uma vez que alguém gritasse, ele se sobressaltava*. (Il avait tout le temps peur. Par exemple, dès que quelqu'un criait, il sursautait).

Focalizando a relação entre enunciados em trechos de texto e, posteriormente, entre trechos de um texto, este trabalho pretende responder a quatro questões que derivam da observação desses dois casos colocados por Carel (2012). São elas:

- a) como se pode explicar a relação entre os enunciados em cada caso?
- b) como os enunciados se organizam em motivos argumentativos?
- c) como os motivos argumentativos se organizam entre si, num discurso?
- d) qual é o papel da nominalização na constituição de um novo motivo argumentativo (julgamento argumentativo) num discurso?

A resposta a essas questões será buscada pela análise de cada um dos dois casos, distinguindo-os com base nas relações entre a AI e a AE das entidades linguísticas que os compõem. A seguir, serão tomadas as noções de conexão por similaridade e por contiguidade, propostas por Jakobson (2003), para, reinterpretando-as, associá-las a cada um dos dois casos em foco – o caso que permite a colocação de *por exemplo* entre os enunciados e o que veta essa possibilidade. Explicitado o modo de relacionamento dos enunciados em cada caso, vai-se verificar esse funcionamento em três trechos de texto, retirados de reportagem de jornal e, posteriormente, num texto inteiro retirado do mesmo jornal.

Explicitação e análise
de cada caso com base
nas relações entre
argumentação interna (AI)
e argumentação externa
(AE) e, posteriormente,
com base na distinção feita
por Jakobson de *conexão por
similaridade* e *conexão por
contiguidade*

Não é demais lembrar que tecnicamente a TBS distingue (CAREL, 2005, 2012) dois tipos de ligações entre uma entidade linguística e os aspectos que ela significa. Se a entidade não aparece no discurso prefigurado pelo aspecto argumentativo, trata-se da argumentação interna (AI) dessa entidade linguística. Inversamente, se a entidade linguística aparece materialmente no discurso que o aspecto argumentativo prefigura, esse aspecto é dito pertencer à argumentação externa da entidade linguística. Alargando um pouco essa definição, afirma Carel (2012, p. 40-41) que o aspecto argumentativo trata da argumentação externa do termo, quando os discursos prefigurados contêm um sinônimo ou um hiperônimo do termo em questão. Assim os aspectos TRABALHO DC RESULTADO e TRABALHO PT neg RESULTADO pertencerão igualmente à argumentação externa dos termos *obra* (*ouvrage*), ou ainda *obrar* (*oeuvrer*), que assinalam eles

também que um objetivo distinto da própria atividade é buscado (cf. *implementar* (*mettre en oeuvre*), *trabalhar para* (*oeuvrer à*) e podem ser considerados como sinônimos de *trabalhar*). Esses mesmos aspectos pertencerão igualmente à argumentação externa de um certo número de nomes de atividade (*progredir...* (*faire cours...*)) de que o verbo *trabalhar* é um hiperônimo.

No caso 1, tem-se um julgamento argumentativo único constituído.

Não se pode colocar a expressão *por exemplo* entre os dois enunciados (**Ele tinha medo, por exemplo, sentia seu sangue gelar*). Entretanto, pode-se colocar entre os dois enunciados um conector como DC ou PT:

Ele tinha *medo* DC sentia seu sangue gelar.

Ele sentia *medo* PT não sentia seu sangue gelar.

A continuação possível de *Ele tinha medo* vem da AI de *medo* (*pensamento desagradável* DC *sentimento desagradável*). As continuações (DC sentia seu sangue gelar e PT não sentia seu sangue gelar) são AE de *medo*.

Se acrescentarmos a essa análise a afirmação de Jakobson de que há dois tipos de conexão no desenvolvimento de um discurso – por similaridade e por contiguidade – pode-se explicar a possibilidade de uso de *por exemplo* no caso 2, o qual é vetado no caso 1.

Recordemos o que afirma Jakobson (2003, p. 61):

O desenvolvimento de um discurso pode ser feito ao longo de duas linhas semânticas diferentes: um tema (*tópico*) conduz a outro seja por similaridade seja por contiguidade. O melhor seria, sem dúvida, falar de processo metafórico no primeiro caso e de processo metonímico no segundo, pois eles encontram sua expressão mais condensada, um na metáfora, o outro na metonímia (tradução nossa).

(Le développement d'un discours peut se faire le long de deux lignes sémantiques différentes: un thème (*topic*) en amène un autre soit par similarité soit par contiguïté. Le mieux serait sans doute de parler de procès métaphorique dans le premier cas et de procès métonymique dans le second, puisqu'ils trouvent leur expression la plus condensée, l'un dans la métaphore, l'autre dans la métonymie.)

Explica ainda Jakobson (p. 61) que o fato de, na afasia, esses dois procedimentos serem reduzidos ou totalmente bloqueados é especialmente esclarecedor para os linguistas, uma vez que esse fato demonstra o quanto são básicos na produção da linguagem. No caso de comportamento verbal normal, segundo o linguista em foco, os dois são continuamente utilizados, embora uma observação mais atenta possa revelar que, devido à influência de modelos culturais, da personalidade e do estilo, às vezes um procedimento é preferido em detrimento do outro.

Interessado especialmente na função poética da linguagem, vai demonstrar ainda Jakobson (2003, p. 62) que, manipulando esses dois tipos de conexão – por similaridade e por contiguidade – em seus dois aspectos (posicional e semânti-

co), um indivíduo revela seu estilo, seus gostos e suas preferências verbais.

Tomando de Jakobson a ideia desses dois procedimentos básicos e comuns em falantes normais, reduzidos ou não presentes em falantes afásicos, podemos, analisando os exemplos do caso 1 e do caso 2, afirmar que, no caso 1, trata-se de conexão por contiguidade e que, no caso 2, trata-se de conexão por similaridade.

Defendemos a ideia de que, no primeiro caso, é de contiguidade a relação entre a AI da palavra *medo* da frase (*Ele tinha medo*) e a AE de *medo* (DC *sentia seu sangue gelar*). Dito de outro modo, a continuação do discurso se faz por contiguidade do sentido da AI de *medo* com a AE de *ter medo* (*ter medo* DC *sentir o sangue gelar*, ou ainda, *ter medo* PT *não sentir o sangue gelar*).

Já no segundo caso, tem-se dois julgamentos argumentativos, podendo-se colocar a expressão *por exemplo*, entre os dois enunciados:

Ele tinha medo todo o tempo. Por exemplo, assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava.

Os dois julgamentos argumentativos expressam um mesmo aspecto, que é a AI de *medo* (SENTIMENTO DESAGRADÁVEL DC PENSAMENTO PENOSO). O encadeamento *assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava* tem uma relação de similaridade com o enunciado *Ele tinha medo todo o tempo*.

O primeiro julgamento argumentativo é *pensar desagradável todo o tempo* DC *ter sentimento penoso todo o tempo*,

que é AI de *ter medo todo o tempo*; o segundo julgamento argumentativo é *alguém gritar DC se sobressaltar*, o qual poderia ser continuado por *ele tinha medo o tempo todo*. Veja-se:

Se alguém gritasse, ele se sobressaltava. Ele tinha medo o tempo todo.

Note-se que *medo todo o tempo* nominaliza *Assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava*. Daí haver entre os dois enunciados uma relação de similaridade: trata-se da expressão *medo todo o tempo* e do encadeamento evocado, a partir do enunciado *assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava, ouvir grito DC assustar-se*, do qual ela pode ser a nominalização. Não é demais lembrar o que referimos antes: o aspecto argumentativo expresso pelos dois enunciados ligados por *por exemplo* é o mesmo, havendo, por isso, entre eles a relação de similaridade. A relação é entre a AI de *medo todo o tempo* e seus diferentes meios de expressão.

Entende-se, assim, o motivo de não se poder colocar os conectores DC ou PT, que transformariam os dois julgamentos argumentativos num só, entre os dois enunciados. Observe-se:

**Ele tinha medo todo o tempo DC assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava.*

**Ele tinha medo todo o tempo PT assim que alguém gritasse, ele se sobressaltava.*

No caso 1, que analisamos no início deste trabalho, em que a relação é de contiguidade, a inversão resultaria estranha, caso se considerasse a relação metonímica existente entre *ter medo* e

sentir o sangue gelar. Essa relação seria desfeita pela inversão. Confira-se:

Ele tinha medo. Ele sentia seu sangue gelar.

**Ele sentia seu sangue gelar. Ele tinha medo.*

Conclusão preliminar, advinda da análise do caso 1 e do caso 2

Há dois tipos de conexão entre os enunciados de um texto:

a) conexão por similaridade em que se tem a relação entre enunciados que constituem julgamentos argumentativos cujo aspecto expresso é o mesmo, sendo diferentes os encadeamentos argumentativos por eles evocados. A conexão por similaridade permite que a AI de uma entidade linguística seja explicitada por diferentes meios de expressão como se demonstrou pela análise do CASO 2:

Ele tinha todo tempo medo. Sempre que alguém gritava, ele se sobressaltava.

(Il avait tout le temps peur. Dès que quelqu'un criait, il sursautait.)

b) conexão por contiguidade em que se tem a relação entre enunciados que constituem um único julgamento argumentativo, produzido pela relação entre AI e AE de uma entidade linguística. É o que se demonstrou pela análise do CASO 1:

Ele tinha medo. Sentia seu sangue gelar.

(Il avait peur. Il sentait son sang glacer).

Na continuação deste artigo, será feita a análise de três trechos de texto, para

verificar o funcionamento dos dois tipos de conexão explicados – por contiguidade e similaridade.

Análise de três sequências com base na hipótese da existência de dois tipos de conexão: por contiguidade e por similaridade

As sequências foram retiradas de jornal distribuído no metrô de Paris, chamado *20 Minutes*, publicado em 18 de março de 2011, nas páginas 1, 7 e 8.

Sequência 1 *Sob a ameaça de uma catástrofe nuclear, os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico. Fora da zona sinistrada, eles continuam a esperar.*

(Sous la menace d'une catastrophe nucléaire, les Japonais ont peur, mais ne cèdent pas à la panique. Hors de la zone sinistrée, ils continuent d'espérer.)

Na sequência (1), encontram-se os dois tipos de conexão. Em *Sob a ameaça de uma catástrofe nuclear, os japoneses têm medo*, a conexão se faz por contiguidade, havendo um julgamento argumentativo:

AE de catástrofe nuclear = catástrofe nuclear DC medo

Em *os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico* tem-se outro julgamento argumentativo, que resulta da relação da AI de *medo* com sua AE:

AI *medo* = SENTIMENTO DESAGRADÁVEL DC PENSAMENTO PENOSO;

AE *medo* = medo PT neg pânico.

A conexão por similaridade, isto é, mais de um julgamento argumentativo com aspecto argumentativo comum, é verificada no trecho:

os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico. Fora da zona sinistrada, eles continuam a esperar.

(les Japonais ont peur, mais ne cèdent pas à la panique. Hors de la zone sinistrée, ils continuent d'espérer.)

Pode-se colocar entre os enunciados a expressão *por exemplo*. Confirma-se (os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico. Por exemplo, fora da zona sinistrada, eles continuam a esperar).

A relação entre esses enunciados fica evidente quando se explicita o encadeamento argumentativo evocado e, especialmente, o aspecto argumentativo expresso. Confirma-se:

ter medo PT neg entrar em pânico (encadeamento argumentativo evocado de *os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico*)

ter medo PT esperar (encadeamento argumentativo evocado de *fora da zona sinistrada, eles continuam a esperar*)

Aspecto argumentativo comum: TER MEDO PT neg FUGIR.

Sublinhe-se que se pode associar aos dois enunciados o mesmo aspecto expresso TER MEDO PT neg FUGIR, o que prova a existência da conexão por similaridade.

Sequência 2 *Essa heroica espera é uma característica notável do povo Japoneses. Harumi, uma jovem que vive a uma hora e meia ao sul de Tóquio, explica “Eu sempre confio no governo. Eu tento não entrar em pânico. Eu tenho minha famí-*

lia e meu trabalho aqui, eu não penso em partir nesse momento” (tradução nossa).

Cette héroïque attente est une caractéristique remarquable du peuple Japonais. Harumi, une jeune fille qui vit à une heure et demie au sud de Tokyo, explique “Je fais toujours confiance au gouvernement. J’essaie de ne pas me paniquer. J’ai ma famille et mon travail ici, je ne pense pas partir pour le moment”.

Nessa sequência 2, encontra-se uma conexão por similaridade, ou seja, mais de um julgamento com AI de mesmo aspecto (TER MEDO PT neg FUGIR), como se explicará a seguir.

Destaque-se que *Essa heroica espera* é uma nominalização de TER MEDO PT neg FUGIR.

Note-se que o enunciado *Essa heroica espera é uma característica notável do povo Japonês* evoca uma AE de *heroica espera* (é uma espera heroica DC é característica louvável).

Veja-se, mais uma vez, que é possível utilizar a expressão *por exemplo* entre o primeiro enunciado e os seguintes. Confira-se:

Essa heroica espera é uma característica notável do povo japonês. Por exemplo, Harumi, uma jovem que vive a uma hora e meia ao sul de Tóquio, explica “Eu sempre confio no governo. Eu tento não entrar em pânico. Eu tenho minha família e meu trabalho aqui, eu não penso em partir nesse momento”.

Sequência 3 *Essa heroica espera pode ser perigosa para os japoneses. A comunidade internacional manifesta sua preocupação, evitando, ao mesmo tempo,*

criticar abertamente o governo japonês, que alguns consideram ultrapassado pelos acontecimentos.

Cette héroïque attente peut être dangereuse pour les Japonais. La communauté internationale exprime son inquiétude tout en évitant de critiquer ouvertement le gouvernement japonais, que certains jugent dépassé par les événements.

Na sequência 3, encontra-se uma conexão por contiguidade, isto é, um julgamento argumentativo. Confira-se:

AE de *heroica espera* = (*heroica espera PT pode ser perigosa para os japoneses*)

AI de *heroica espera* = (TER MEDO PT neg FUGIR)

Note-se a existência de conexão por contiguidade entre os dois enunciados entre os quais é impossível a utilização de *por exemplo*, uma vez que constituem um único julgamento argumentativo, sendo o encadeamento evocado [*a heroica espera pode ser perigosa para os japoneses DC a comunidade internacional manifestou sua preocupação*] e o aspecto argumentativo *heroica espera PT espera perigosa*.

Esse julgamento argumentativo, constituído pelo encadeamento evocado e pelo aspecto exposto torna possível a interpretação do trecho:

Essa heroica espera pode ser perigosa para os japoneses. A comunidade internacional manifesta sua preocupação, evitando, ao mesmo tempo, criticar abertamente o governo japonês, que alguns consideram ultrapassado pelos acontecimentos.

Conclusão

Podem ser identificados, sem dúvida, dois tipos de conexão – por contiguidade e por similaridade – no desenvolvimento de um discurso, como bem observou Jakobson (2003).

Analisando esses dois processos com base na semântica argumentativa que desenvolvem atualmente Carel e Ducrot é possível afirmar que:

- a) a conexão por contiguidade é produzida pelas relações entre AI e AE de uma unidade linguística;
- b) a conexão por similaridade é produzida pelas relações entre enunciados que exprimem o mesmo aspecto argumentativo. Esses enunciados têm a mesma AI. Pode-se colocar entre eles a expressão *por exemplo*.

A seguir, verificaremos o funcionamento desses dois modos de conexão num texto, como se anunciou no início deste artigo.

Esquema de organização de um texto com base na conexão por contiguidade e por similaridade

O texto que segue foi escrito por *Anthony Nataf*, no jornal *20 Minutes* de 21 de março de 2011, p. 10.

FUKUSHIMA SE ESTABILIZA, AS POLUIÇÕES SE MULTIPLICAM

A luta de trezentos homens que se revesam para refrigerar os reatores e os combustíveis parece produzir frutos. Ontem, a situação se estabilizou na central nuclear de Fukushima-Daiichi. A eletricidade foi restabelecida ontem no reator número 2. Os engenheiros esperam agora recolocar a sala de controle em funcionamento e principalmente poder progressivamente reativar os sistemas de refrigeração dos reatores. A operadora Tepco indicou que isso poderá levar muitos dias. Sábado, caminhões de bombeiros molharam o reator número 3. Essa operação permitiu refrigerar as barras de combustíveis superaquecidas, segundo o governo.

Sobre os reatores nº 5 e 6, Tepco indicou que a temperatura nas piscinas de refrigeração tinha caído a um nível quase normal após a reativação de uma bomba a água graças a grupos de geradores.

Mas os japoneses estão longe de estar fora de perigo. Além das consequências do tremor de terra e do tsunami, as consequências do acidente nuclear já apareceram. Após a descoberta de traços radioativos anormais no leite e nos espinafres produzidos nas proximidades de Fukushima, iodo radioativo em muito pequenas quantidades foi encontrado ontem na água de torneira de Tóquio. Na região da grande Tóquio partículas radioativas foram medidas no ar. O governo deve decidir hoje as restrições ao consumo (tradução nossa).

FUKUSHIMA SE STABILISE, LES POLLUTIONS SE MULTIPLIENT

La lutte des trois cents hommes qui se relaient pour refroidir les réacteurs et les combustibles semble porter ses fruits. Hier, la situation s'est stabilisée à la centrale nucléaire de Fukushima-Daiichi. Le courant a été rétabli hier dans le réacteur numéro 2. Les ingénieurs espèrent maintenant remettre la salle de contrôle en état de fonctionnement et surtout pouvoir progressivement relancer les systèmes de refroidissement des réacteurs. L'exploitant Tepco a indiqué que cela pourrait prendre plusieurs jours. Samedi, des camions de pompiers ont arrosé le réacteur numéro 3. Cette opération a permis de refroidir les barres de combustibles en surchauffe, selon le gouvernement.

Sur les réacteurs n°5 e 6, Tepco a indiqué que la température dans les piscines de refroidissement était retombée à un niveau quasi normal après la réactivation d'une pompe à eau grâce à des groupes électrogènes.

Mais les Japonais sont loin d'être sortis d'affaire. Outre les suites du tremblement de terre et du tsunami, les conséquences de l'accident nucléaire sont déjà apparues. Après la découverte de traces radioactives anormales dans du lait et des épinards produits à proximité de Fukushima, de l'iode radioactif en très faibles quantités a été retrouvée hier dans l'eau du robinet de Tokyo. Dans la région du grand Tokyo des particules radioactives ont été mesurées dans l'air. Le gouvernement doit décider aujourd'hui

des restrictions à la consommation (Anthony Nataf, 20 Minutes, lundi, 21 mars 2011, p. 10).

Com base nos conceitos de julgamento argumentativo, de conexão por contiguidade e conexão por similaridade, antes expressos, pode-se esquematizar a organização do texto como contendo, em seu início (*A luta de trezentos homens que se revezam para refrigerar os reatores e os combustíveis parece produzir frutos*) um motivo argumentativo, cujo encaideamento evocado é *lutar DC produzir frutos*, cujo aspecto expresso é **ESFORÇO DC RESULTADO**. Entre esse início e os enunciados seguintes até o final do segundo parágrafo, parece ser possível colocar a expressão *por exemplo*, o que indicaria a conexão por similaridade, em que se mantém o aspecto expresso **ESFORÇO DC RESULTADO**.

O início do terceiro parágrafo (*Mas os japoneses estão longe de estar fora de perigo*) está em conexão por contiguidade com *a luta parece produzir frutos*, constituindo um novo motivo argumentativo. Confirma-se a AE de *a luta parece produzir frutos*: *a luta parece produzir frutos PT os Japoneses estão longe de estar fora de perigo*. A esse motivo argumentativo, no texto, seguem-se exemplos de que os japoneses, apesar de terem obtido resultados de seus esforços, estão longe de poder parar de lutar. Verifica-se, então, mais uma vez no texto a conexão por similaridade, em que vários enunciados podem ser representados por um mesmo aspecto argumentativo.

Por fim, a análise do título do texto, FUKUSHIMA SE ESTABILISA, AS POLUIÇÕES SE MULTIPLICAM (FUKUSHIMA SE STABILISE, LES POLLUTIONS SE MULTIPLIENT) permite concluir que ele também é um meio de expressão desse último aspecto argumentativo transgressivo OBTER RESULTADO PT DEVER CONTINUAR O ESFORÇO.

Considerações finais

Mostrou-se neste trabalho que há dois processos que conectam enunciados em textos. O primeiro explica o parentesco existente entre enunciados que podem ser agrupados por terem a mesma AI, isto é, por expressarem um mesmo aspecto argumentativo de um dado bloco semântico. O segundo que explica a progressão temática do texto, isto é, que permite entender como o texto mantém a coerência no desenvolvimento de seu tema. Trata-se, nesse caso, da coerência linguístico-discursiva do texto, verificável pela análise do processo de nominalização, mais especificamente do encapsulamento anafórico de um encadeamento argumentativo inteiro, como já notado por Graeff (2007).

É o que se observou, neste trabalho, na análise de *heroica espera* que liga a Sequência 1 às Sequências 2 e 3 pela nominalização dos encadeamentos argumentativos evocados no trecho [...] *os japoneses têm medo, mas não cedem ao pânico. Fora da zona sinistrada eles*

continuam a esperar, associados ao aspecto TER MEDO PT neg FUGIR, o qual constitui a AI de *heroica espera*.

A Sequência 2 dá continuidade ao tema do texto com o acréscimo de uma AE positiva de *heroica espera*, que a descreve positivamente, como característica apreciável do povo japonês. Já a Sequência 3, também iniciada com uma AE de *heroica espera* faz progredir o tema do texto, descrevendo negativamente a *heroica espera*, ao associá-la ao perigo que a *espera* (a passagem do tempo) pode representar, em virtude das consequências dela decorrentes. Releia-se a Sequência 3, que associa *heroica espera* e *aumento do risco*, instalando um novo bloco semântico, constituído pela nominalização *heroica espera* e por sua AE, que expressam o aspecto HEROICA ESPERA PT ESPERA PERIGOSA:

Essa heroica espera pode ser perigosa para os japoneses. A comunidade internacional manifesta sua preocupação, evitando, ao mesmo tempo, criticar abertamente o governo japonês, que alguns consideram ultrapassado pelos acontecimentos.

Acredita-se que essas análises e reflexões tenham conseguido responder às questões que nortearam este trabalho, quais sejam, como explicar a relação entre os enunciados num texto? Como os motivos argumentativos se organizam entre si, num discurso? Qual é o papel da nominalização na constituição de um novo motivo argumentativo num discurso? Sabe-se, contudo, que é necessário ampliar esses estudos para um número maior de textos de diferentes gêneros,

no sentido de verificar o funcionamento dos processos descritos e a possibilidade de generalizá-los para qualquer texto.

La connexion entre des énoncés dans le texte sur la base de la sémantique argumentative

Résumé

Cet article cherche à expliquer les deux modes de connexion entre des énoncés dans un texte sur la base de la sémantique argumentative, développée par Marion Carel et Oswald Ducrot. Il montre que la connexion par similarité apparente des énoncés par leur argumentation interne (AI) et que la connexion par contigüité établit la relation entre l'argumentation interne et l'argumentation externe (AE) des entités linguistiques. On a vérifié le fonctionnement de ces deux modes de connexion dans le texte, en soulignant le rôle de la nominalisation dans la connexion par contigüité et dans le développement du thème.

Mots-clés: Argumentation interne et externe. Connexion par contigüité. Connexion par similarité. Nominalisation. Organisation textuelle.

Referências

- ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles: Mardaga, 1983.
- CAREL, M. Pourtant: argumentation by exception. *Journal of Pragmatics*, v. 24, p. 167-188, 1995.
- _____. Introduction. In: CAREL, M. (Org.). *Argumentation et polyphonie*: de Saint Augustin à Robbe-Grillet. Paris: L'Harmattan, 2012. p. 7-58.
- DUCROT, O.; CAREL, M. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, v. 43, n. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.
- GRAEFF, T. Encadeamento argumentativo e encapsulamento anafórico. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUCRS, v. 42, n. 2, p. 191-200, jun. 2007.
- HUGO, V. *Claude Gueux*. Paris: Librairie Générale Française, 1995.
- JAKOBSON, R. (1963). *Essais de linguistique générale* 1. Les fondations du langage. Paris: Minuit, 2003.